

Nacional**Outros dados****Farmácias lançam alerta**

"A compra dos medicamentos online pode matar. Quer arriscar?" é o nome da campanha que a Cooperativa dos Proprietários de Farmácia (Cooprofar) lançou este mês junho para incentivar a escolha de remédios seguros.

20,7**milhões de fármacos**

falsificados, no valor de 71,8 milhões de euros, foram recolhidos em 115 países, pela Interpol, na operação Pangea VIII, que decorreu este mês. Foi a maior operação de sempre para controlar o mercado de fármacos falsificados.

Apreendidos 18 mil produtos ilegais

Em Portugal, entre 9 e 16 de junho, foram controladas 6140 encomendas, das quais 1051 foram apreendidas, impedindo a entrada de 18 381 unidades de medicamentos ilegais com um valor estimado de 40 mil euros.

Contrafação Produtos vendidos na Internet sem qualquer controlo. Viagra, antidepressivos e anti-inflamatórios entre os mais contrafeitos

Medicamentos falsos têm efeitos imprevisíveis

Ana Gaspar
agasp@jn.pt

► Ninguém sabe o que os medicamentos vendidos na internet contêm. Desconhece-se se a composição é a prometida e em que condições foram produzidos e transportados. A venda destes produtos falsificados é "preocupante", porque os efeitos são imprevisíveis, alertam os especialistas.

Entre janeiro e maio, as autoridades apreenderam nas alfândegas portuguesas 6465 embalagens de medicamentos "potencialmente ilegais, falsificados ou contrafeitos", revelou a Autoridade do Medicamento (Infarmed). Este mês, a Autoridade Tributária impediu a entrada em Portugal de mais de 18 mil unidades de medicamentos ilegais. No ano passado, o total interceptado foi de 23 834 caixas. Os dados internacionais indicam que estes fármacos são na grande maioria comprados pela internet e vieram da Índia, EUA e Brasil.

"É preocupante" disse ao JN Luiz Rodrigues, presidente do Colégio de Especialidade de Farmacologia Clínica da Ordem dos Médicos, alertando que este tipo de produtos não têm qualquer controlo. As pessoas "não fazem ideia de quem os produziu", nem sabem "se as substâncias que são prometidas" se encontram de facto nos produtos que compraram.

Os alegados medicamentos para a disfunção erétil (como imitações do popular Viagra) são os mais encontrados nas alfândegas nacionais (30%), seguem-se os psicofármacos / medicamentos para o sistema nervoso central, analgésicos / anti-piréticos e medicamentos com indicação em doenças do aparelho cardiovascular (que representam em conjunto 25% do total).

"São sempre os mais vendidos" a serem falsificados, prosseguiu o médico, acrescentando que os efeitos adversos só se conseguem pre-

ver se as substâncias forem as que são usadas nos remédios verdadeiros. No caso da disfunção erétil, por exemplo, há o risco de hipotensão e arritmia. Se o utilizador sofrer de uma doença coronária, pode até morrer. Se os produtos adquiridos forem "impuros ou contaminados com outras substâncias é sempre difícil prever os efeitos secundários", acrescentou. Além das alterações à composição, adianta o Infarmed, os medicamentos não controlados podem estar fora de prazo ou terem sido transportados sem quaisquer precauções.

As substâncias para emagrecer são das mais procuradas online. Mas como "não há medicamentos no mercado legal eficazes para a perda de peso, não há falsificações",

explica Nuno Borges da Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto.

A procura é por fármacos que já saíram do mercado, como Dinintel ou Redutil, ou então por anfetaminas que ainda são legais em alguns países como o Brasil. Por exemplo, há quem procure Ritalina (anfetamina), um medicamento para o défice de atenção, para perder peso. Estas substâncias atuam no sistema nervoso central, provocam dependência e podem causar perturbações mentais.

Há ainda outras substâncias – como o 2,4-dinitrofenol – que não são usadas para medicamentos e têm outras aplicações, pelo que não são proibidas, tornando-se por isso de fácil acesso. ●



Medicamentos para a disfunção erétil são os mais procurados

DNP Produto suspeito em morte nos Açores

● No mês passado, a Interpol lançou um alerta mundial sobre o 2,4-dinitrofenol (DNP) após a morte de uma jovem no Reino Unido e de um francês ter ficado gravemente doente depois de consumir. A substância também é suspeita de ter provocado a morte de um aluno da Universidade dos Açores no início de maio. O caso ainda está a ser investigado pelo Ministério Público. O DNP era vendido na década de 1930 para estimular o metabolismo e ajudar à perda de peso, mas foi retirado do mercado depois de ter causado várias mortes. "Aumenta a produção de calor pelas células o que leva a que gastem mais energia", revelou Nuno Borges. Porém, segundo o investigador em farmacologia, "esse calor pode ser excessivo". As pessoas entram em "hipertermia, como se fosse uma febre exagerada". Apesar de deixar de ser usado para este fim, o DNP é utilizado no fabrico de pesticidas. Citada pela BBC, Fiona Parry, mãe de Eloise Aimee Parry de 21 anos, que faleceu em abril, contou que foi "uma forma terrível de morrer" e que a filha se estava a "queimar por dentro".